

Estratégias de desenvolvimento de termos em línguas moçambicanas: análise das tendências de comunicabilidade dos termos

Gervásio Absolone Chambo*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-3924-6799>

Henrique Orlando Mateus**

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-9048-5766>

Nelsa João Nhantumbo***

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-1399-7968>

Resumo: Este artigo analisa a criação dos termos associados às doenças desenvolvidas nas línguas moçambicanas com base nas estratégias de desenvolvimento terminológico. Em termos metodológicos, compilou-se um corpus constituído por 166 termos associados a 12 doenças desenvolvidas em 6 línguas moçambicanas. Com base nas dimensões terminológicas (cognitivo, linguístico e comunicativo) (Sager, 1990), o estudo constatou que, a comunicabilidade hierarquiza as estratégias de desenvolvimento de termos e este, nas línguas moçambicanas, exige que se contemple a avaliação dos níveis de comunicabilidade por forma a salvaguardar a comunicação.

Palavras-chave: Línguas Moçambicanas; Terminologia; Estratégias de Desenvolvimento de Termos; Comunicabilidade

Makhinga ya wuwumbi wa mapswi ya wuzivi ka tidimi ta n'tumbunuku: wuxoli wa sikombisu wa wuwombiwombi

N'katsakanyu: N'kwepa wuwa wuxola mazumbela ya wuwombiwombi wa mapswi ya wuzivi matsimbilelanaku ni malwati yowumbwa ngu tidimi ta n'tumbunuku. Gondo yiya yimahitwe ka n'cawa wa 166 wa mapswi ya wuzivi ya 12 wa malwati yowumbwa ngu 6 wa tidimi ta n'tumbunuku. Kuxola ka ciyemo ya wukongo, wudimi ni wuwombiwombi (Sager, 1990), gondo yiya yitumbuti to, wuwombiwombi wakabanisa makhinga ya wuwumbi mapswi. Ngu cigelo ci, wuwumbi wa mapswi ya wuzivi wufanela kuxola sigava sa wuwombiwombi kasi kuvhikela kupfana ka wukombisani ka vathu.

Mapswi ya tshimatshima: Tidimi Ta N'tumbunuku; Wuwumbi Mapswi Ya Wuzivi; Makhinga Ya Kuwumba Mapswi Ya Wuzivi; Wuwombiwombi

* Professor de Didáctica de Ensino Bilingue na Universidade Eduardo Mondlane. Áreas de pesquisa: Bilinguismo e Ensino, Línguas, culturas locais e ensino de ciências e matemática. E-mail: gervasio.chambo@uem.mz

** Doutor em Linguística. Docente E-mail: mateushenrique2008@gmail.com

*** Doutorada em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane. Docente Universitária e investigadora na mesma universidade. Tem como área de interesse a Linguística Teórico-Descritiva das Línguas Bantu moçambicanas, com especial enfoque para a língua Copi (falada na região Sul de Moçambique, províncias e Gaza e Inhambane). Para além da Linguística teórico-descritiva tem interesse nas áreas de Lexicografia, Lexicologia e outras. E-mail: nelsanhantumbo@gmail.com

Strategies for the development of terms in Mozambican languages: analysis of trends in terms of communicability

Abstract: This paper analyzes communicability trends of disease terms developed in Mozambican languages based on terminology development strategies. Methodologically, a corpus consisting of 166 terms associated with 12 diseases developed in 6 Mozambican languages was compiled. Based on the terminological dimensions (cognitive, linguistic and communicative) (Sager, 1990), the study found that, communicability hierarchizes the strategies of term development. The study concludes that term development in the Mozambican languages requires that an assessment of communicability levels be considered in order to safeguard communication.

Keywords: Mozambican Languages; Terminology; Term Development Strategies; Communicability

Introdução

A globalização que o mundo vive cria situações em que as línguas são confrontadas com a proliferação e expansão de novo léxico técnico e/ou termos associados a diversos domínios/áreas e/ou novas realidades. A receptibilidade, incorporação e vulgarização (uso e difusão) do novo léxico nas línguas bantu é feita com base em diferentes estratégias linguísticas. Os falantes das línguas bantu geram novas unidades lexicais e/ou terminológicas em função das suas percepções e/ou interpretações que fazem em relação aos novos referentes e/ou novas realidades.

Estas situações mostram que, no caso concreto, as línguas bantu têm robustez estrutural e lexical para codificar novo léxico técnico/ termo. Portanto, o estudo da Terminologia nas línguas bantu revela-se ser importante e pontual porque para além de contribuir para a cientificização, modernização das línguas também contribui, sobremaneira, para o desenvolvimento das línguas e dos falantes (Alberts, 2010), isto é, a modernização técnico-científica das línguas africanas é uma possibilidade a partir da qual se pode contribuir para o evolução e empoderamento das comunidades.

Este artigo procura analisar as estratégias de criação de termos associados às doenças, desenvolvidos em línguas moçambicanas a partir das estratégias de produção terminológica. Em termos de organização, na primeira parte, tem-se a introdução do estudo que é seguida pelo enquadramento teórico, na segunda parte. A terceira parte descreve a metodologia; a quarta apresenta e discute os resultados e na quinta e última parte são trazidas as conclusões do estudo.

1. Enquadramento teórico

Nesta secção procede-se o enquadramento teórico, descrevendo as teses defendidas pelas principais teorias da terminologia e a perspectiva dos estudos terminológicos nas línguas africanas.

1.1 A Teoria Comunicativa da Terminologia

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) Desenvolvida por Cabré (1999) surge como uma crítica à rigidez da Teoria Geral da Terminologia (TGT) proposta por Wuster (1931). A TCT para além de defender o carácter comunicativo do termo, aceitando a variação ou sinonímia, na qual dois ou mais termos podem se referir a um mesmo conceito, advoga a poliedricidade do termo em três dimensões de unidades: unidade linguística (termo), a unidade cognitiva (conceito) e unidade de comunicação (comunicação). À luz da TCT, os termos devem ser considerados dentro de sua área de especialidade apesar de, por vezes, poderem pertencer a campos diferentes, o que faz com que sejam emprestados de uma área de conhecimento para outra. Isto mostra que as unidades lexicais adquirem a característica de termo em detrimento do cenário comunicativo em que estão inseridas (Cabré 1999).

1.2. Socioterminologia

Empregue pela primeira vez por Boulanger em 1991, enquanto corrente terminológica, a Socioterminologia ocupa-se do aspecto social do termo e enfatiza a variação terminológica do ponto de vista descritivo e procura, segundo Faulstich (2006), compreender:

- (i) as causas da aceitação ou declínio de uma ou outra variável, termos em desuso no caso desta investigação;
- (ii) as condições de circulação de um termo;
- (iii) a influência dos princípios etnográficos e culturais, assim como a definição da comunidade científica que os emprega.

Não sendo necessariamente uma teoria que sugere como os termos devem ser criados e descritos, a socioterminologia interessa-se em estudar o processo de denominação dos termos, isto é, as circunstâncias em que os termos foram criados dentro das linguagens de especialidade, sejam elas científicas ou técnicas, e faz uma conexão entre o desenvolvimento de terminologias de especialidade (no sentido de nomenclaturas e definições) e a sua relação com a sociedade. De acordo com esta teoria, a unidade

terminológica além de ser o resultado de um acto denominativo é também uma unidade de comunicação, o que na nossa investigação se reflecte na adopção de diversas línguas para a descrição dos termos.

Foi com essa percepção que na definição dos termos teve-se em conta as três dimensões, a saber: linguística, cognitiva e comunicativa. Aliás, à luz da Socioterminologia, a linguagem de especialidade é um sociolecto técnico, científico ou institucional. Portanto, para esta teoria a linguagem de especialidade faz parte da língua comum, é susceptível à variação conforme a cultura do público que a utiliza e estabelece os limites da comunidade de participantes para “reflectir sobre níveis intermediários entre o locutor, sujeito de fala e a comunidade linguística que compartilha o uso de uma mesma língua” (Gaudin 1993, p.179). No entender de Gaudin (1993), a perspectiva socioterminológica corresponde ao desenvolvimento das preocupações sociais e políticas às quais ela permite oferecer elementos de resposta. Ela reflecte as várias maneiras de entendimento e denominação de um mesmo conceito e contempla o semantismo discursivo do termo, ou seja, que a unidade terminológica além de ser resultado de um acto denominativo também é uma unidade de comunicação, o que provoca uma negociação do seu sentido nos discursos produzidos. Neste caso, os termos seleccionados para esta pesquisa cumprem com este papel.

Teoria Sociocognitiva da Terminologia

A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) questiona os princípios da teoria clássica da Terminologia orientados exclusivamente à padronização, cujo principal objectivo é a unificação de conceitos e termos. Na perspectiva da TST, a base para a delimitação do conteúdo é o texto no qual está inserido o termo. Daí, o conceito não é universal, nem imutável, “mas a expressão de um conjunto de elementos de natureza linguística que se consubstanciam num texto que possui não apenas uma dimensão linguística, mas também pragmática discursiva e comunicativa” (Barros 2006, p.23). Neste caso, o ponto de partida da descrição terminológica é o termo e não o conceito.

A abordagem (TST) coloca em destaque as relações entre os estudos da terminologia e da linguística textual, reforçando a ideia de que os termos não podem ser compreendidos fora do seu ambiente natural, admitindo a sinonímia e a polissemia no processo de compreensão e de comunicação justificadas pela funcionalidade, flexibilidade e diversidade dos processos de categorização (Temmermann, 2004). Esta teoria sugere a

descrição terminológica dos dados com base na informação textual fundamentada pelo conteúdo dos termos e pelo perfil dos usuários.

Terminologia em línguas africanas: estudos e perspectivas

As experiências de pesquisa e de desenvolvimento terminológico em línguas africanas a cargo do Institute for Kiswahili Research (IKR) – Universidade de Dar-Es-Salaam, African Languages Research Institute (ALRI) – Universidade de Zimbabwe e do Pan South African Language Board (PanSALB) – Governo Sul-Africano ilustram que, estas línguas têm qualidades linguísticas que as possibilitam concorrer para a sua modernização, cientificização e intelectualização em diferentes domínios e/ou áreas de conhecimento. Sager (1990) destaca três abordagens principais para o desenvolvimento de termos: uso de recursos linguísticos existentes; modificação de recursos linguísticos existentes e criação de novas entidades linguísticas que, independentemente da língua, são usadas para o desenvolvimento de termos.

Por esta razão, as experiências da IKR, ALRI e PanSALB são algumas evidências que elucidam quão as línguas africanas, no geral, e bantu, em particular, podem modernizar-se técnica e cientificamente, usando estratégias internas de formação de termos (mudança/transferência semântica, paráfrase e processos de composição e de derivação) e empréstimos (decalque, “tradução de empréstimo” e transliteração) (Mtintsilana e Morris, 1988; Sager, 1990; Nshubemuki, 1999; Madiba, 2001; Taljard, 2008). Fora estas estratégias, Gauton, Taljard e Schryver (2003) mapearam outras usadas pelos tradutores sul-africanos para desenvolver termos nas línguas sul-africanas. Dentre elas destacam-se o uso de palavras gerais, substituição cultural, uso de expressões neutras e sinonímia (Gauton, Taljard e Schryver, 2003).

Madiba (2001) é crítico em relação a algumas estratégias de desenvolvimento de termos porque as considera inviáveis para a modernização das línguas africanas. No seu argumento, Madiba (op.cit) entende que algumas estratégias internas de formação de termos evidenciam a ideologia sócio-política de purismo linguístico, enquanto os empréstimos às línguas europeias (incluindo empréstimo lexical, tradução de empréstimos e decalque) conduzem à elitização dos termos.

O autor advoga ainda que a modernização das línguas africanas devia centrar-se numa perspectiva pragmática, obedecendo a duas fases: integrar os termos através do empréstimo e depois indigenizá-los (formação de termos indígenas). Neste sentido, a indigenização seria uma abordagem que possibilitaria a aproximação dos termos aos

falantes. Este posicionamento é complementado pela van Huyssteen (2005) que constatou que, por exemplo, os termos médicos padronizados em Zulu, na África de Sul, a partir de um corpus escrito diferenciavam-se dos termos do corpus oral dos falantes (tabus, mudança semântica e criação terminológica).

A subestimação dos termos do corpus oral inviabilizou a expansão e o uso dos termos médicos padronizados a partir do corpus escrito porque os falantes Zulu não os reconheciam como termos se não os do corpus oral. Como se pode depreender, ainda que as línguas africanas tenham um potencial intra e extra-linguístico para desenvolver os termos, é importante que os mesmos sejam veiculados e usados na comunicação dos falantes, isto é, o desenvolvimento dos termos deve considerar, sobremaneira, os respectivos falantes (van Huyssteen, 2005; Alberts, 2010). Dlodlo (1999) opôs-se ao uso da translineação como estratégia de desenvolvimento de termos de Física do Inglês para Nguni.

Os resultados mostraram que os termos translineados apresentam uma fonética estranha ao Nguni e mais ainda, não facilitariam aos alunos a identificação e a compreensão das noções dos termos. Ao invés da translineação, Dlodlo (1999) propõe o desenvolvimento terminológico a partir do léxico do Nguni porque desta forma, os termos seriam compreendidos e ajudariam aos alunos a alcançar os referentes nocionais. Na mesma linha, Madzimbamuto (2012) recorreu ao léxico e aos processos de composição em Shona (por exemplo, termos da área de anatomia-esqueleto da coluna vertebral) para mostrar que as línguas bantu têm uma potencialidade intra-linguística para gerar uma infinidade de termos, tal como o Latin e o Grego.

Analisando criticamente os autores acima, depreende-se que a indigenização dos termos defendida por Madiba (2001) valoriza os processos intra-linguísticos no desenvolvimento dos termos que são, por sua vez, ilustrados pelas visões de van Huyssteen (2005), Dlodlo (1999) e Madzimbamuto (2012). Com base nestes autores, conclui-se que, quaisquer que sejam as estratégias usadas para a criação de termos, os mesmos devem garantir a comunicação no seio dos falantes, num ambiente natural.

Metodologia

O corpus analisado neste estudo foi compilado a partir dos trabalhos de culminação da disciplina de Língua Bantu VI integrada no III ano do curso de Licenciatura em Ensino de Línguas Bantu oferecido pela Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. No fim desta disciplina, previa-se que os estudantes desenvolvessem, por um lado, as

competências e habilidades sobre terminologia como ciência de estudo dos termos e como prática de desenvolvimento de termos (Sager, 1990) nas línguas bantu e, por outro, as competências e habilidades práticas de tradução de textos literários e científicos.

No decurso da disciplina abordaram-se as estratégias de modernização/ desenvolvimento terminológico das línguas bantu, tendo como exemplos as experiências terminológicas do Swahili (cf. Mtintsilana e Morris, 1988; Nshubemuki, 1999) e de algumas línguas sul-africanas (cf. Gauton, Taljard e Schryver, 2003; Taljard, 2008). Os estudantes praticaram as técnicas de extracção dos termos nos textos científicos (identificação dos descritores e definição dos tipos de contextos), ensaiaram a pesquisa de definições de cada termo em dicionários gerais e terminológicos (cf. Aubert, 2001) e experimentaram o desenvolvimento dos termos nas línguas bantu, aplicando as estratégias aprendidas e dominando a noção expressa por termo na língua de partida.

Amostra de corpus

O estudo analisou um corpus (fichas de levantamento, fichas terminológicas bilingues, ficha explicativa em relação às estratégias de desenvolvimento de termos usadas) constituído por 166 propostas de termos desenvolvidos a partir da língua portuguesa (língua portuguesa), em seis línguas bantu (Rhonga, Changana, Makhuwa, Tshwa, Copi e Nyungwe). A escolha dos domínios/ sub-domínios de conhecimento que compõem o corpus foi feita voluntariamente pelos estudantes. O corpus em estudo é composto por uma lista de termos associados a doenças (HIV, tuberculose, asma, AVC, miopia, elefantíase, cancro de útero, plasmódio, cólera e bronquite) que são sub-domínios da medicina (vide a tabela abaixo).

Quadro 1: Número de propostas de termos por língua

Doenças/Sub-domínios	Rhonga	Changana	Makhuwa	Tshwa	Copi	Nyungwe
HIV/SIDA	10 ¹					
Tuberculose	14	14				
Asma	13	15				
Infecção urinária	13					

AVC				9		
Miopia					13	
Elefantíase	10					
Cancro do útero			10			
Malária						10
Conjuntivite				10		
Cólera	10					
Bronquite		15				
Total	70	44	10	19	13	10

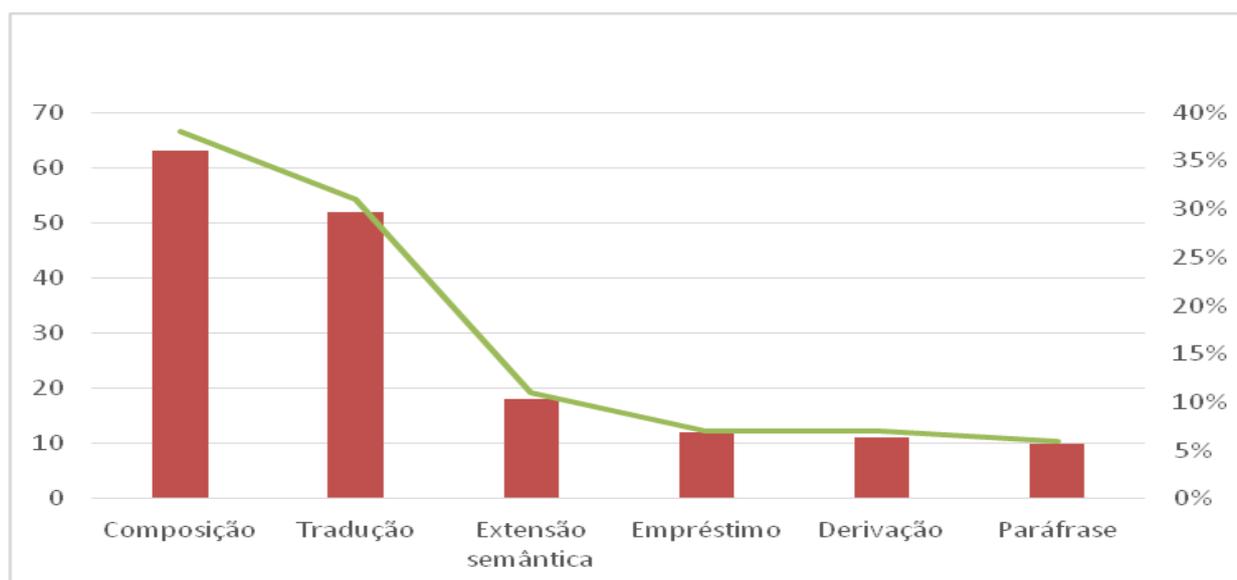
Fonte: Dados da pesquisa

O procedimento de análise do corpus foi feito em dois níveis. No primeiro nível, efectuou-se a classificação dos termos em categorias de estratégias de desenvolvimento de termos com vista a averiguar os níveis percentuais de uso. No segundo nível, seleccionaram-se alguns termos por cada tipo de estratégia dentre as línguas do corpus e avaliaram-se os indicadores de tendência de comunicabilidade dos termos propostos (relação recíproca entre: termo – noção/referente) (Sager, 1990; Alberts, 1999) caso fossem aplicados na comunidade de falantes.

Análise dos resultados

A avaliação do corpus de línguas em estudo evidenciou estratégias de formação de termos tais como: extensão semântica, paráfrase, composição, derivação bem como empréstimo: tradução de empréstimo/decalque e a transliteração (Sage, 1990). O gráfico abaixo ilustra a percentagem das estratégias de desenvolvimento de termos usadas conforme o corpus.

Gráfico 1: Uso das estratégias de desenvolvimento de termos



Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode constatar no gráfico acima, a estratégia de composição mostrou-se ser a mais produtiva do que as estratégias de desenvolvimento de termos. Das 166 propostas de termos analisadas, 63 são da estratégia de composição (38%); 52 resultam do uso da estratégia de tradução (31%); 18 surgem através da estratégia de extensão semântica (11%); 12 advêm da estratégia de empréstimo (transliteração) (7%); 11 são da derivação, (7%) e as restantes 10 resultam da paráfrase, (6%).

Avaliação dos indicadores de comunicabilidade dos termos

Na análise que se segue apresentam-se algumas propostas relacionadas com o grau de comunicabilidade dos termos a partir dos indicadores relacionados com a dimensão cognitiva e comunicativa (Sager, 1990; Alberts, 1999).

Paráfrase

A paráfrase assume um papel relevante no desenvolvimento das terminologias nas línguas africanas. A paráfrase permite uma breve descrição e/ou explanação da noção do termo (Mtintsilana e Morris, 1988; Taljard, 2008). No corpus em estudo, esta estratégia representa 6% de termos desenvolvidos. Os exemplos abaixo ilustram a paráfrase nas línguas Copi e Rhonga.

(1) Copi

Sub-domínio: *Miopia*

a. *lingoti la n'disoni* – retina

[**Definição:** a mais interior das membranas do globo ocular e em que se formam as imagens].

b. *n'wombiwonikule* – míope

[**Definição:** é o indivíduo que padece da miopia e que apresenta dificuldade em ver ao longe.]

(2) Rhonga

Sub-domínio: *Tuberculose*

a. *svikombimavabzi* – sintomas

[**Definição:** sinal que indica uma doença ou mudança no curso de uma doença].

b. *nengendlopfu* – elefantíase

[**Definição:** moléstia do género lepra que dá à pele a aparência rugosa e dura da pele do elefante].

A análise dos indicadores das dimensões da terminologia constatou que, com a excepção do exemplo em (2b), as outras tendem a estabelecer, cognitivamente, a relação termo – noção (Alberts, 1999). O exemplo em (2b) não relaciona o termo à noção referencial (dimensão cognitiva) e não alcança a comunicabilidade devido a formulação linguística da proposta. A ausência de um prefixo da classe 7 (*xi-*) em *nengendlopfu* e da palavra *mavabzi* 'doença' compromete a relação termo – noção na imaginação cognitiva do falante. Validando estas notas, *mavabzi ya xinengendlopfu* é a proposta que mais se aproxima da dimensão cognitiva, o que facilitaria a comunicabilidade em Rhonga.

As propostas em (1b) e (2a) apresentam uma formulação linguística que remete o falante à relação termo – noção, facultando a comunicabilidade. Olhando para a definição do termo 'retina' constata-se que a proposta *lingoti la n'disoni* não explicita e não descreve a noção do termo em Copi uma vez que esta remete à noção de 'fio do olho' ao invés de 'membranas do globo ocular em que se formam as imagens'. Com base nesta definição, concorrem para a paráfrase de *retina* duas propostas de termos:

- (i) *cithombisi ca maso* 'órgão do olho que imita a imagem do que se observa'
- (ii) *ciwonisi* 'órgão do olho que faz ver'

Estas propostas realizam a paráfrase a partir da utilidade da 'retina' no olho facto que resolveria a comunicabilidade.

Empréstimo

O empréstimo constitui uma das estratégias de desenvolvimento terminológico que se efectiva através da adopção e/ou importação de termos de uma língua para outra, mantendo a mesma noção e precisão em ambas línguas (Sager, 1990). Na dimensão linguística, o empréstimo linguístico é definido como um vocábulo (ou outro traço linguístico qualquer) advindo de uma língua estrangeira. Nas línguas africanas, e bantu em particular, os empréstimos de termos são geralmente provenientes de línguas Indo-europeias (Inglês, Francês e Português) por possuírem um alto nível de desenvolvimento e modernização terminológico bem como de línguas próximas. O empréstimo subdivide-se em dois tipos:

- (i) Transliteração – os termos são acomodados às formas morfofonológicas da língua africana;
- (ii) Tradução de empréstimo (também denominado por decalque) – o termo tomado por empréstimo é traduzido para a língua de chegada) (Nshubemuki, 1999; Mtintsilana e Morris, 1998; e Gauton, Taljard e Schryver, 2003).

Transliteração

O princípio-chave da transliteração advoga que a acomodação dos empréstimos é efectivada através da adopção das características morfofonológicas nas línguas africanas bantu, conforme mostram os exemplos abaixo.

(3) Rhonga:

Sub-domínio: *elefantíase*

- a. *svikerexi* – cicatrizes < (do Inglês: *scrash*)

(4) Changana:

Sub-domínio: *Cólera*

- a. *kolera* ‘cólera’ < (do Português: cólera)
- b. *mabakterya* ‘bactérias’ < (do Português: bactérias)
- c. *vhibriyawukolera* ‘vibrião colérico’ < (do Português: vibrião colérico)

A proposta de termo *svikerexi* em (3a), por exemplo, resulta de *scrash* do Inglês que significa ‘cicatriz’ em Português. Então, não havendo uma classe semântica na qual se possa enquadrar esta palavra em Rhonga, adoptou-se a substituição do som inicial [s]

na palavra *scrash* pelo som semelhante do prefixo da classe 8 (svi-), existente na língua de chegada. Relativamente ao termo *kolera* em (4a), nota-se a adaptação morfofonológica do termo na língua de chegada (Changana), onde o grafema /c/ do Português foi substituído pelo grafema /k/ da língua de chegada. No caso de *mabakterya* em (4b) também se nota a adaptação morfofonológica na língua de chegada, onde a raiz nominal *bacter* passou para *bakter* seguido pela resolução de hiatos para se evitar a ocorrência de vogais diferentes /i/ e /a/ indesejável em Changana. À semelhança deste processo, o termo *vhibriyawukolera* (4c) adaptou-se às características morfofonológicas da língua de chegada.

Ainda que as propostas de termos em (3a), (4a), (4b) e (4c) evidenciem a conformidade com os aspectos morfofonológicos das línguas Rhonga e Changana, os mesmos não estabelecem a relação termo – noção na cognição dos falantes porque exigem o processo de “vulgarização terminológica”, isto é, circulação dos termos na comunidade de falantes, um processo que é comum em certos os casos de neologias e de empréstimos na língua de chegada. Portanto, a comunicabilidade dos termos desenvolvidos a partir da transliteração depende, essencialmente, de factores sociolinguísticos que podem ou não contribuir para a sua compreensão nocional.

Tradução de empréstimo ou decalque

A tradução de empréstimo é uma das estratégias mais produtiva no que concerne ao desenvolvimento e/ou expansão terminológica na generalidade das línguas do mundo. As traduções de empréstimos podem ser literais e/ou por via de substituição dos componentes lexicais de acordo com a estrutura lexical, morfológica e sintáctica da língua de chegada (Sager, 1990). Assim, os termos da língua de partida são traduzidos preservando, geralmente a noção do termo em ambas línguas (Nshubemuki, 1999). Neste estudo, a tradução de empréstimo ou decalque representa 31% do total das propostas de termos o que comprova que esta estratégia é produtiva no desenvolvimento terminológico, como se pode observar nos exemplos a seguir.

(5) Nyungwe

Sub-domínio: *Malária*

- a. *kucosamuropa* – transfusão de sangue
- b. *wanyakupasa muropa* – dadores de sangue

(6) Ronga

Sub-domínio: *Tuberculose*

- a. *mukhuhlolo wa kuwoma* – tosse seca
- b. *nkohlolo wa kutumbela* – tuberculose latente

Os exemplos de propostas de termos desenvolvidos com base na tradução de empréstimo mostram-se cognitivo e linguisticamente produtivos tanto que, ao nível da dimensão comunicativa revelam as noções referenciais expressas pelos termos em ambas línguas. Portanto, as propostas de termos elaborados com base nesta estratégia facilitam a relação termo-noção bem como a comunicabilidade.

Extensão semântica

Esta estratégia alarga o campo do léxico existente na língua, modificando o seu conteúdo semântico através do processo de especialização semântica (Gauton, Taljard e Schryver, 2003). Com base nesta estratégia, as unidades lexicais existentes na língua tornam-se termos cujas noções-referenciais diferenciam-se dos significados iniciais conforme ilustram os exemplos abaixo:

(7) Rhonga:

Sub-domínio: *Elefantíase*

- a. *nyokana* ‘verme’ cf. *nyokana* ‘lombriga/ verme intestinal’

(8) Makhuwa

Sub-domínio: *Conjuntivite*

- a. *niitho* ‘globo ocular’ cf. *niitho* ‘olho’
- b. *mwaamukokho* ‘insecto’ cf. *mwaamukokho* ‘vírus’

Nos exemplos acima observa-se uma assimetria lexical entre a proposta de termo e o léxico comum. No caso em (7a), o léxico *nyokana* significa ‘lombriga’, ‘verme intestinal’. Contudo, propõe-se a sua extensão semântica para a noção de ‘verme’ no sub-domínio de elefantíase. Esta constatação estende-se para os exemplos (8a) e (8b) onde *niitho* ‘olho’ e *mwaamukokho* ‘insecto’ que adquirem novas noções quando são propostos como termos nos sub-domínios de conjuntivite. Em termos cognitivos e comunicativos, os termos propostos permitem aos falantes compreender a transição, extensão e/ou mudança semântica que se verifica da língua comum para a língua de especialidade. Entretanto, a comunicabilidade dos termos é condicionada pela semelhança e/ou pela

distinção entre os significados lexicais e os referentes nocionais que são propostos nos domínios de especialidade.

Composição

A composição é uma estratégia produtiva nas línguas africanas (bantu), como foi comprovado neste estudo. Com base na composição, formam-se novos termos a partir do léxico existentes na língua (Sager, 1990). As propostas de termos analisadas neste estudo resultam da junção de palavras de diferentes categorias, podendo ser: nomes, verbos ou adjectivos, tal como definem Cabré (1999) e Nshubemuki (1999) como se pode observar nos exemplos a seguir.

(9) Makhuwa

Sub-domínio: *Cancro de útero*

a. *erettasapala* = *eretta* 'doença' + *sapala* 'pele' (N+N) – epidermoide

b. *nikhwattaniyokho* = *mwanikhwatta* 'feridinha' + *niyokho* 'escama' (N+N) –

Lesão escamosa intraepitelial de alto grau (HSIL)

(10) Citshwa

Sub-domínio: *Acidente Vascular Cerebral (AVC)*

a. *wuwomizvirhu* = *wuwomi* 'secagem' + *zvirhu* 'órgãos de corpo' (N+N) –

Acidente Vascular Cerebral (AVC)

b. *kufufumawutlhophu* = *kufufuma* 'derramar' + *wutlhophu* 'cérebro' (V+N) –

hemorragia cerebral

Os dados acima mostram exemplos de propostas de termos desenvolvidas a partir da composição. Como se pode ver nos exemplos em (9), a junção de *eretta* 'doença' e *sapala* 'pele' resultou em *erettasapala*, equivalente a 'epidermoide' (9a). Por outro lado, em (9b) verifica-se também a junção de *mwanikhwatta* 'feridinha' e *niyokho* 'escama' para formar *nikhwattaniyokho* equivalente a 'lesão escamosa intraepitelial'. O mesmo se observa em (10a) e (10b) onde a junção de *wuwomi* 'secagem' e *zvirhu* 'órgãos' resulta no termo Acidente Vascular Cerebral (AVC). O verbo *kufufuma* 'derramar' junta-se a *wutlhophu* 'cérebro' para formar *kufufumawutlhophu* correspondente a 'hemorragia cerebral'. Do ponto de vista linguístico, estas propostas respondem às exigências da língua, tendo-se respeitado as regras de formação lexical. A nível cognitivo, estas propostas conduzem à identificação dos referentes e à comunicabilidade devido aos significados expressos individualmente por cada léxico, mas não deixam de constituir

alguma estranheza por parte dos falantes por se tratar de formulações lexicais novas no seu léxico-mental.

Derivação

A derivação é uma das estratégias de desenvolvimento lexical e terminológico que resulta da junção de afixos, tais como: prefixos, sufixos, infixos e suprafijos modificando a categoria gramatical do léxico (Cabré, 1999; Nshubemuki, 1999). Nas línguas africanas (bantu), destacam-se várias estratégias de derivação lexical, a saber: derivação denominal, deverbal, de-ideofónica, de-adjectival e de-adverbial.

(11) Citsiwa

Sub-domínio: *Asma*

- a. sviciyociyo 'chiado no peito' < (de ideofone *ciyooo* 'assobio')
- b. vutisu 'consulta' < (do verbo *kuvutisa* 'questionar')

(12) Changaná

Sub-domínio: *Bronquite*

- a. wutitimeli 'resfriado' < (do verbo *kutitimela* 'esfriar')
- b. wupfimbi 'inflamação' < (do verbo *kupfimba* 'inchar')

Como se pode ver nos exemplos acima, em (11a) está-se perante a nominalização de-ideofónica na qual, o prefixo da classe 8 (svi-) prefixou-se ao ideofone *ciyooo* reduplicado (*ciyooo-ciyooo*) 'ruído respiratório típico de asmáticos'. Os exemplos (11b), (12a) e (12b) ilustram a nominalização deverbal (a partir da colocação do prefixo nominativo wu-) resultante de nomes formados a partir de verbos.

Do ponto de vista cognitivo e comunicativo, os exemplos em (11b), (12a) e (12b) não parecem suscitar qualquer interpretação dúbia. Entretanto, o exemplo (11a) induz ao canto dos pintos devido a aproximação sonora do ideofone *ciyoo-ciyoo-ciyoo* 'som do canto dos pintos' ao invés *ciyoo-ciyoo-ciyoo* referente ao 'chiado no peito'. Portanto, a compreensão do referente expresso pela proposta de termo *sviciyociyo* é condicionada pela observação em tempo real do fenómeno de chiado no peito.

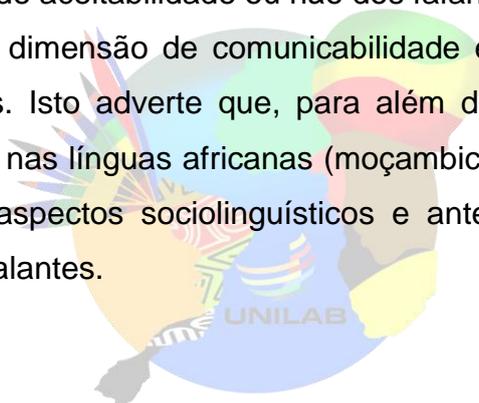
Conclusões

O estudo demonstrou que línguas moçambicanas concorrem para a sua modernização linguística bem como a sua intelectualização e cientificização através do desenvolvimento terminológico. De acordo com os dados colhidos e analisados, pôde-se

constatar que as estratégias de desenvolvimento de termos são usadas em proporções desiguais, havendo estratégias mais usadas em detrimento das outras. Entretanto, o estudo dos níveis de comunicabilidade dos termos desenvolvidos mostrou que, pese embora os termos sejam desenvolvidos linguisticamente, os mesmos carecem de resposta positiva às dimensões cognitiva e comunicativa.

Ainda que a composição se tenha destacado como uma estratégia mais produtiva no desenvolvimento dos termos, a estratégia de tradução de empréstimo e a paráfrase notabilizaram-se como as que apresentam níveis de comunicabilidade aceitáveis porque as noções são expressas a partir dos termos na língua de partida. A composição apresenta níveis de comunicabilidade equiparada à derivação, havendo situações em que os falantes estranham os termos propostos e só alcançam os referentes a partir da recuperação dos significados do léxico composto e derivado. A Transliteração e a extensão semântica são as estratégias cuja comunicabilidade é condicionada pelos níveis de receptibilidade ou não e de aceitabilidade ou não dos falantes.

Portanto, a partir da dimensão de comunicabilidade existem estratégias que são mais viáveis que as outras. Isto adverte que, para além dos aspectos linguísticos, no desenvolvimento de termos nas línguas africanas (moçambicanas) é necessário observar a dimensão cognitiva, os aspectos sociolinguísticos e antever os possíveis níveis de comunicabilidade entre os falantes.



Referências

- Alberts, M. (1999). Terminology in South Africa. *Lexikos*, vol.9, nº1, p.19–35.
- Alberts, M. (2010). National language and terminology policies: a South African perspective. *Lexikos*, vol.20, nº1, p. 599–620.
- Barros, L. A. (2006). Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. *Ciência e Cultura*. São Paulo. vol.58, nº2. p.22-26.
- Cabré, T. (1999). *La Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Institut Universitari de Lingüística Aplicada.
- Dlodlo, T. (1999). Science nomenclature in Africa: physics in Nguni. *Journal of Research in Science Teaching*, vol.36, nº3, p.312–331.
- Faulstich, E. (2006). A Socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*. Vol.58, nº2, p.27-31.
- Gaudin, F. (1993). *Socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Publications de l'Université de Rouen: Rouen.

- Gauton, R. ; Taljard, E. ; De Schryver, G.-M. (2003). Towards Strategies for Translating Terminology into all South African Languages: A Corpus-Based Approach. *South Africa. Conference Proceeding*. p.81-88.
- Madiba, M. (2001). Towards a Model for Terminology Modernisation in the African Languages of South Africa. *Languages Matters*, vol.32, nº1, p.53–77.
- Madzimbamuto, F. (2012). Developing anatomical in an African Language. *The South African Medical Journal (SAMJ)*, 102 (3), p.132–135.
- Mtintsilana, P.; Morris, R. (1988). Terminography in African Languages in South Africa. *South African Journal of African Languages*, vol.8, nº4, p.109–113.
- Nshubemuki, L. (1999). Advances in the compilation of *istilahi za elimumisitu*-a glossary of english-kiswahili forestry terminology. *Forestry Snow Landscape Research*, vol.74, nº2, p.189–194.
- Sager, J. (1990). *A practical course in terminology processing*. John Benjamins Publishing Company.
- Taljard, E. (2007). The standardisation of African Languages: Language Political Realities. *Issues in Scientific Terminology in African/Bantu Languages*, p.88–01.
- Temmerman, R. (2004). Teori Sociocognitiva da Terminologia. *Cadernos de Tradução*, nº17, UFRGS, Porto Alegre, p.31-50.
- Van Huyssteen, L. (2005). The value of oral corpus annotation for improving the acceptability of technical terminology in Zulu. *Languages Matters*, vol.36, nº1, p.19–40.

Recebido em: 11/07/2022

Aceito em: 10/09/2022

Para citar este texto (ABNT): CHAMBO, Gervásio Absolone, MATEUS, Henrique Orlando, NHANTUMBO, Nelsa João. Estratégias de desenvolvimento de termos em línguas moçambicanas *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 2, p.151-157, jul./dez. 2022.

Para citar este texto (APA): Chambo, Gervásio Absolone, Mateus, Henrique Orlando, Nhantumbo, Nelsa João. (jul./dez.2022). Estratégias de desenvolvimento de termos em línguas moçambicanas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (2): 141-157.